
O tema desta prova é a ficção. O primeiro texto é um poema, falando de um poeta que não sabe de tudo. O segundo texto faz uma crítica à televisão, mostrando um uso perverso da ficção. O terceiro texto é uma crônica de humor, falando das vantagens da ficção. E a redação, por fim, vai perguntar: “ficção prejudica?”

TEXTO I

TÁXI

**O poeta passa de táxi em qualquer canto e lá vê
O amante da empregada doméstica sussurrar
Em seu pescoço qualquer podridão deste universo.
Como será o amor das pessoas rudes?**

**O poeta não se conforma de não conhecer
Todas as formas da delicadeza.**

(CACASO. Mar de mineiro. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1982.)

Questão 01

O poema *Táxi*, de Cacaso (Antônio Carlos de Brito), retoma a preocupação modernista de trazer o cotidiano para a poesia.

- A. Transcreva um verso que demonstre essa preocupação.
- B. Justifique sua resposta.

Questão 02

Quanto à oração “*de não conhecer*”, no penúltimo verso:

- A. indique a idéia introduzida pela preposição “de”;
- B. reescreva a oração de duas maneiras diferentes, sem alteração de sentido, mantendo o verbo no infinitivo.

Questão 03

A poesia é plurissignificativa, ou seja, tem mais de um significado. O quarto verso — “*Como será o amor das pessoas rudes?*” — pode ser interpretado como uma crítica ou então como um elogio às pessoas do povo, representadas pela empregada doméstica e seu amante.

Com base em elementos do texto, apresente:

- A. um argumento que sustente a primeira interpretação;
- B. um argumento que sustente a segunda interpretação.

TEXTO II

ÁGUA-COM-AÇÚCAR NO VIETNÃ

Uma das constantes do telejornalismo é transformar as notícias em pequenos capítulos de um melodrama interminável. O que vale é o sentimentalismo: é preciso comover a platéia pois, como se sabe, público emocionado é público cativo. Por isso, na TV, emoção é mais importante que informação.

Mas poucas vezes essa receita lacrimosa foi tão escancarada como numa reportagem que foi ao ar no *Fantástico* de 8 de junho — tão escancarada que merece comentário. Nela, uma vítima da Guerra do Vietnã, Kim Phuc, faz as pazes com o seu agressor, o capitão John Plummer. Kim talvez seja a face mais famosa da guerra. Em junho de 1972, aos 9 anos, ela apareceu numa foto histórica: corre nua por uma estrada, chorando, fugindo do bombardeio que se vê ao fundo. Agora, passados 25 anos, ela vai encontrar os personagens da sua tragédia de infância: o fotógrafo, a médica, o capitão que ordenou o bombardeio. Quem apresenta é Cid Moreira: “O *Fantástico* acompanhou essa viagem marcada por risos, emoção, lágrimas e pelo sentimento do perdão”.

Kim revê a todos e, no fim, abraçada ao capitão que despejou as bombas incendiárias sobre ela, diz que o perdoou. Ao contrário dos outros, o capitão não chora no vídeo, mas Kim cuida de avisar ao público que, longe das câmaras, os dois choraram juntos. Como numa novela mexicana: os personagens choram sem parar e, no fim, perdoam-se. Tudo fica bem.

Na tela, imagens do passado (Kim desesperada sob as bombas napalm) se fundem com o presente (Kim aconchegada nos braços do capitão) para produzir um final feliz, tipicamente melodramático. A história real vira um videoclipe compungido e, no fim das contas, o vencedor, antes truculento, readquire sua humanidade. Até chora!

Por que é que a televisão não promove o mesmo espetáculo com um sobrevivente dos campos de concentração de Hitler reconciliando-se com seu ex-carcereiro? Porque, no melodrama do telejornalismo que hoje vigora, os nazistas são vilões — a imoralidade do gesto ficaria evidente. E por que uma vítima do Vietnã pode aninhar-se no ombro de quem quase a matou com napalm? Porque, segundo o mesmo melodrama, os americanos são os mocinhos. Por isso, o perdão de Kim não é o perdão que liberta o ofendido, mas aquele que se destina a redimir o ofensor. O capitão, pobrezinho, não fez por mal. Obedecia a ordens. Ninguém teve culpa.

O jornalismo lida com fatos, mas, nesse tipo de show, as “boas” intenções ficam acima dos acontecimentos. Dizem que hoje o público sofre um bombardeio de informação, mas é mentira. O público sofre um bombardeio de lágrimas. De crocodilo.

Questão 04

Tome a primeira frase do texto:

“Uma das constantes do telejornalismo é transformar as notícias em pequenos capítulos de um melodrama interminável.” (linhas 1 e 2)

- A. Estabeleça a relação existente entre essa frase e o último parágrafo do texto.
- B. Reescreva essa primeira frase, substituindo o verbo “transformar” pelo verbo “tornar”, fazendo as adaptações necessárias.

Questão 05

Releia o penúltimo parágrafo do texto.

- A. Cite as duas oposições nele presentes.
- B. *“ Porque, no melodrama do telejornalismo que hoje vigora, os nazistas são vilões...”* (linhas 22 e 23)

“Por isso, o perdão de Kim não é o perdão que liberta o ofendido ...” (linhas 25 e 26)

Substitua as expressões sublinhadas acima por adjetivos equivalentes, fazendo as modificações necessárias.

Questão 06

Para analisar criticamente o telejornalismo, o texto opõe emoção a informação, atribuindo-lhes um valor positivo ou negativo.

- A. Cite o valor que o texto atribui ao termo “emoção”.
Justifique sua resposta.
- B. Cite o valor que o texto atribui ao termo “informação”.
Justifique sua resposta.

TEXTO III

INVISÍVEL

Quando eu descobri que podia ficar invisível tinha 13 anos e a primeira coisa que fiz foi entrar no vestiário das mulheres, no clube. Durante algum tempo só usei meu poder para coisas assim. Ver mulher pelada, mudar as coisas de lugar para assustar as pessoas, dizer coisas no ouvido delas quando elas pensavam que estavam sozinhas, ficar atrás do goleiro do meu time para chutar as bolas que ele deixava passar e evitar o gol, coisas assim. Muito jogo importante da época fui eu que decidi, defendendo em cima da linha, e ninguém ficou sabendo, ou pelo menos ninguém acreditou quando eu contei. Também entrava em cinemas sem pagar e ainda cutucava a barriga do porteiro, só por farrá. Vi todos os filmes proibidos até 18 anos que ninguém mais da

minha geração viu. [...] Aos 16 anos me apaixonei por uma menina de 15, a Beloní, e um dia fiquei invisível e a segui até a sua casa. Queria ver como era o seu quarto e a sua vida, queria vê-la tomando banho, mas não queria ver o que vi, uma briga feia dela com a mãe, depois ela trancada no quarto, chorando, eu sem saber se afagava sua cabeça e a matava de susto ou o quê. No fim quase fiquei preso no apartamento porque todos foram dormir e trancaram as portas, tive que simular batidas na porta da frente para o pai da Beloní vir abrir e me deixar escapar, depois tive que explicar em casa porque ficara na rua até aquela hora, só quando já estava na cama me dei conta que perdera a viagem porque a Beloní, de tão amargurada, nem tomara banho e dormira vestida. Voltei à casa dela no dia seguinte, atraído não apenas pela possibilidade de vê-la nua como a de, de alguma forma, interferir no seu drama doméstico, ajudá-la, mudar seu destino, em último caso empurrar sua mãe pela janela. Desta vez peguei uma briga da mãe com o pai da Beloní. Fiquei achatado contra uma parede, apavorado. Era terrível, como as pessoas se comportavam quando achavam que não estavam sendo observadas. E era terrível não poder fazer nada. Era terrível ser invisível, ter aquele poder e nenhum outro. Eu não podia mudar a vida da minha amada Beloní como podia mudar o resultado de um jogo. Podia andar pela sua casa sem ser visto e sentir o cheiro doce de sua nuca, tendo apenas o cuidado de não encostar o nariz, mas não podia salvá-la.

Acho que foi então que me convenci de que a invisibilidade era, na verdade, um poder trágico. Depois da minha imersão na vida privada da família da Beloní - que eu revi o outro dia e me contou que está bem, que se casou com um astrônomo belga que tem até uma estrela com o nome dele, que ela não se lembrava como era, está claro que enlouqueceu - nunca mais consegui me divertir com a minha invisibilidade. Não entro mais em vestiários femininos, pois que graça há na mulher nua se ela não está nua para você, se ela nem sabe que você a está vendo e que aquele hálito na sua nuca é o seu? Não entro mais em campo, pois que graça há no seu time ganhar com a sua participação anti-regulamentar e sem que você ganhe sequer uma medalha, uma linha no jornal? E já tenho idade suficiente, mais do que suficiente, para entrar em filmes proibidos à vista do porteiro. Pensando bem, hoje só fico invisível quando quero estar sozinho ou, vez que outra, quando estou dirigindo, para ver as caras de espanto dos outros motoristas. Mas nem isso me diverte mais. A invisibilidade é para os jovens.

Troquei meu poder pelo ofício de Flaubert que dizia que todo escritor é um fantasma percorrendo as suas próprias entrelinhas, ou coisa parecida. Abandonei a vida real por ficções como esta, em que controlo tudo e posso mudar a vida das pessoas e dispor do seu destino, e fornecer os seus diálogos, e matá-las ou salvá-las como me apetecer. E em que apareço e desapareço quando quero. E posso não só sentir o cheiro doce da nuca das mulheres que invento como roçar nelas o meu nariz. E até fazer “Nham!”, se quiser, sem qualquer perigo.

(VERÍSSIMO, Luís Fernando. Jornal do Brasil, 15/03/98.)

Questão 07

A crônica de Veríssimo principia cômica, mas aos poucos vai ficando dramática. O primeiro parágrafo da crônica enfatiza o aspecto cômico da invisibilidade.

- A. Transcreva um período completo em que se destaque esse aspecto cômico.
- B. Explique por que o período é cômico.

Questão 08

O segundo parágrafo faz a passagem da comédia para o drama.

A. Observe o período:

“Voltei à casa dela no dia seguinte, atraído não apenas pela possibilidade de vê-la nua como a de, de alguma forma, interferir no seu drama doméstico, ajudá-la, mudar seu destino, em último caso empurrar sua mãe pela janela.” (linhas 17 a 19)

O pronome sublinhado “a” (linha 18) substitui uma expressão anterior do mesmo período.

Transcreva essa expressão.

B. No período *“Era terrível ser invisível, ter aquele poder e nenhum outro.”* (linha 22), sintetiza-se o drama do personagem, que tinha um objetivo no início mas, ao realizá-lo, percebe que deseja outra coisa.

Explique sua mudança de objetivos.

Questão 09

Observe o período:

“E posso não só sentir o cheiro doce da nuca das mulheres que invento como roçar nelas o meu nariz.” (linhas 42 e 43)

A. Cite que tipo de oração a palavra “como” introduz.

B. Substitua a palavra “como” por outra expressão que não altere o sentido do período.

Questão 10

O terceiro parágrafo reflete moralmente sobre o drama, isto é, sobre as implicações morais da invisibilidade.

A. A invisibilidade do personagem é uma metáfora, que tem outro significado. Deduza que significado é esse.

B. Justifique sua resposta.